

Mídia e terrorismo: os atentados ao World Trade Center e suas repercussões na mídia

Leandro ORTUNES¹

Resumo

Este artigo pretende analisar o papel dos meios de comunicação na interpretação e na divulgação dos atentados terroristas em Nova Iorque em 2001. Através de um referencial teórico sobre a mídia e a construção do medo, analisaremos alguns estudos e noticiários que abordaram como foco principal os ataques ao *World Trade Center*. Por fim, pretendemos demonstrar que por muitas vezes, fatos tão complexos como o terrorismo e as motivações da guerra podem ser interpretados de forma superficial, promovendo uma sensação de insegurança na população por não possuírem conhecimentos concretos sobre os fatos.

Palavras-Chave: Terrorismo. Mídia. Medo. 11 de Setembro.

Abstract

This paper to analyze the role of the media in the interpretation and dissemination of terrorist attacks in New York, 2001. Through a theoretical framework about the media and the construction of fear, some studies analyze the attacks and the news that matters published attacks on the World Trade Center. Finally, we intend to demonstrate that by often so complex facts such as terrorism and the motivations of war can be interpreted in a superficial way, promoting a sense of insecurity in the population do not have specific knowledge of the facts.

Keywords: Terrorism. Media. Fear. September 11.

Introdução

Os atentados do 11 de setembro de 2001 foram, sem dúvida, um marco na história contemporânea. Diversos motivos os tornam um grande objeto de estudo e de reflexão, podemos destacar alguns motivos, como exemplo, o número de vítimas, a forma utilizada, os locais atingidos, dentre outros fatores. Dentre todos estes fatores que

¹ Mestre em Ciências Sociais (PUC-SP). Professor do Curso de Direito da Faculdade FNC (Carapicuíba-SP). E-mail: leandroortunes@uol.com.br

citamos, a mídia é um elemento que permeia em todas as esferas de estudo sobre os atentados de 2001.

A divulgação em massa dos ataques acabou gerando vários sentimentos na população. Eventos tão chocantes como os ataques não poderiam ficar longe da mídia. Na verdade, a população dependia dela para obter informações sobre o que estava acontecendo naquele momento, mas fato é que, a mídia estimulou sentimentos dos mais diversos, magnificando, ainda mais, os ataques. Através das emissoras ocidentais, os extremistas enviaram ao mundo seu recado.

Outro fato também gerou grande pânico na população norte-americana, pois além do terrorismo ser algo muito imprevisível, os terroristas também poderiam usar armas biológicas, sendo elas extremamente letais e de difícil identificação para prevenir seu uso. Através de correspondências, adesivos e alimentos o perigo poderia estar presente.

A professora da Brigitte L. Nacos da *Columbia University* demonstrou em um seminário o número de reportagens de possíveis ataques com armas biológicas. Segundo Brigitte ocorreu uma obsessão por parte da mídia em buscar indícios de novos ataques. Mesmo antes do primeiro caso de ataque com antraz a mídia já tinha se esforçado em descrever sobre o perigo de armas biológicas. A tabela abaixo demonstra a quantidade de matérias que mencionam sobre o perigo das armas biológicas²:

Tabela 1

Coverage of Biological and Chemical Terrorism
Before Anthrax Attacks

	Biological and Chemical Terror	Anthrax
ABC News	20	2
CBS News	12	0
NBC News	8	3
CNN	17	1
FOX News	23	0
NPR	11	8
New York Times	76	27
Washington Post	55	25

Compiled by author from Lexis-Nexis archives.
Television and radio reference from 09/11-10/03/01.
Newspaper references from 09/12-10/04/01.

Fonte: http://ci.columbia.edu/ci/eseminars/1341/1341_sg3.html

Baseado nestas novas ameaças terroristas a guerra contra o terror ganha aceitação nos Estados Unidos, mesmo sem comprovações claras de que estes ataques

² Compilação feita por Brigitte L. Nacos. Para as matérias de TV e rádio a compilação foi feita entre 11/09/2001 e 03/10/2001 para os jornais impressos a compilação foi entre 12/09/2001 e 04/10/2001.

seriam possíveis. Até o mesmo o Iraque, país sem relações com 11/9, se tornou alvo das intervenções, isso devido a uma suspeita da produção de armas de destruição em massa. Conforme comenta Vera Chaia o medo foi o incremento para justificar as intervenções militares como resposta aos atentados:

O 11 de Setembro de 2001 foi uma data histórica para discutir a problemática do terrorismo e do medo. A adoção de políticas antiterror acentuou-se após essa data. O uso do medo como estratégia e arma política para controlar e dirigir povos e nações foi incrementado e utilizado para justificar os atos de terrorismo do Estado (CHAIA, 2011, p.77).

Por este motivo, é necessário compreender como a mídia pode colaborar com a fabricação do medo e fazer do discurso político uma possível solução para o “caos” presente no pós 11/9.

A mídia e os atentados de 11/9

Uma característica do 11/9 foi a grande cobertura sobre o fato. A mídia se esforçou em alertar, divulgar e esclarecer os atentados terroristas e suas consequências, no entanto, devemos destacar suas limitações e superficialidade perante a um tema tão complexo como o terrorismo.

Se a mídia é livre (sem censuras por parte do governo), através dela também é garantida a pluralidade de ideias. Esse fato amplia debates e promove críticas importantes para o bom desenvolvimento da organização social. Se o Estado permite independência à mídia, conseqüentemente ela também poderá questionar as próprias atitudes do Estado, auxiliando a sociedade civil a perceber erros e acertos daqueles que são responsáveis pela administração do Estado. Os benefícios que a mídia traz para sociedade são muitos e não podemos negar seu papel na formação de opinião das sociedades. Sem dúvida ela é capaz de influenciar o pensamento coletivo e o comportamento da sociedade. Uma vez que os meios de comunicação em massa possuem tal característica, obviamente o terrorismo se aproveitará deste instrumento para transmitir seu recado:

"Onde a imprensa é livre (...) tudo está seguro" (Berg e Lipscomb, 1904). Quase 200 anos atrás, Thomas Jefferson escreveu estas palavras, e ainda hoje, a imprensa livre é um dos pilares das sociedades democráticas. O que

acontece, no entanto, se o conteúdo da mídia oferecido ao público é entregue ou influenciado por uma organização que tem o objetivo perturbar a segurança? Este é o do terrorismo; a fim de espalhar o medo e, assim, promover seus objetivos políticos, uma organização terrorista precisa dos meios de comunicação³.

O papel da mídia foi de ajudar a população a compreender os eventos e de reproduzir os pronunciamentos oficiais do governo. Contudo, ao mesmo tempo em que a mídia desempenha seu papel informativo, ela leva consigo as imagens do terror e o recado dos terroristas.

No caso dos canais de televisão, durante o 11/9 tiveram predominância na divulgação dos fatos, isso devido seu caráter *ao vivo*. Podemos dizer que boa parte do mundo estava observando através das televisões o maior atentado terrorista em solo norte-americano. E para chamar a atenção do telespectador ou do leitor, nada melhor do que aquilo que é inédito. A busca pelo inédito, pela melhor imagem ou pela melhor fotografia sempre foi e será a grande corrida dos meios de comunicação, que consequentemente promove um espetáculo do terror. Nos atentados de 11/9 certamente não foi o número de mortos o principal fator que atingiu o estado emocional dos norte-americanos. Mas as ênfases das imagens construíram uma percepção generalizada de uma grande tragédia:

Não é o número de mortos que define uma grande tragédia coletiva. São grandes tragédias coletivas que nos remetem a um mito. Aquelas que nos provocam uma nova angústia, mas nos revelam uma antiga incerteza (ZOJA L., 2003 *apud* PAEIRO, 2012, p.15).

O *Journal of Media Psychology*⁴ entrevistou 392 estudantes da Universidade do Texas. O objetivo foi de mensurar o tempo que estes participantes ficaram diante das imagens dos atentados, que foram transmitidos pelos canais de televisão. Além disso, os pesquisadores procuraram investigar a sensação dos telespectadores após as imagens⁵. A classificação das sensações foi feita da seguinte forma: Categoria *MAD* (para o sentimento de ódio, raiva); *BAD* (para o sentimento de ansiedade atrelado ao medo); *SAD* (para o sentimento de tristeza e impotência). A pesquisa envolveu várias questões

³ *Terrorism and media. Transnational Terrorism. Security & Rules of Law. Deliverable 6, Workpackage 4. 2008, p.2*

⁴ Revista científica presente nos Estados Unidos, Canadá e na Alemanha.

⁵ *Emotional Stress and Coping in Response to Television News Coverage of the 9/11 Terrorist Attacks. Journal of Media Psychology, V 14, No. 1, Winter, 2009.*

sobre o tempo de exposição à mídia, reações sobre os fatos dentre outras perguntas⁶. A compilação destes questionários resultou no seguinte quadro:

Tabela 2

Percentages of Participants by Emotion on Tuesday 9/11 and 6 days later (Sunday)

Emotion	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday	Saturday	Sunday
<i>MAD</i>	71%	44.5%	43.3%	40.7%	40.5%	31%
<i>SAD</i>	9%	19.2%	26.1%	30.1%	29.4%	19%
<i>BAD</i>	11.6%	17.2%	20.5%	21.6%	22.3%	24%

Fonte: *Journal of Media Psychology*, V 14, No. 1, Winter, 2009.

Como resultado, a categoria *MAD* que engloba o sentimento de raiva e ódio é predominante em todos os dias da semana. Aqui temos um dado importante para compreender o poder da mídia e o que ela irá favorecer no aceite dos americanos pelo discurso da guerra ao terror.

A categoria *SAD* (tristeza e/ou impotência) gradualmente foi se elevando de 11,6% na terça-feira (11/9) para 24% no domingo. Evidentemente, o volume de imagens e cenas dos atentados desencadeia essa sensação que se acentua conforme o número de repetições ao longo da semana.

O poder que a mídia tem de causar tais impactos emocionais nos cidadãos é algo incontestável, por mais que tenhamos condições de “filtrar” certas informações violentas e catastróficas, as informações carregadas de imagens e frases afetam o estado psicológico e por muitas vezes não esclarece os motivos de tal violência.

Em um instante, houve também uma grande necessidade de saber ou, talvez melhor quisesse dizer, para "entender" os acontecimentos daquele dia terrível. Nos anos anteriores De 9/11, alguns americanos deram muita atenção para o que impulsiona o terrorismo, um assunto longo relegado às margens da mídia e da periferia do mesmo o governo, dos militares e das universidades. Para esse entendimento não espere por novos estudos, recolha de dados e avaliação desapaixonada de causas alternativas. Terrorismo produz medo e raiva, e tais emoções não estão mortas. (FELDMAN; PAPE, 2010, p.5)

⁶ As questões não se referiam ao sentimento em si. Eram questões que revelavam através de uma análise psicológica o sentimento aproximado vivido nos seis dias após os atentados.

Ao falarmos sobre a mídia internacional impressa na cobertura de eventos terroristas, temos que nos atentar a um fator importante sobre como é coletada, construída e publicada as informações. Primeiramente compreender a complexibilidade internacional demanda um pré-requisito de interesse intelectual do leitor. Em segundo lugar para os jornais demanda a necessidade de um intenso processamento de dados. Para o ramo jornalístico quando mais informações e dados forem necessários, mais caro sairá o custo da informação, inviabilizando boa parte da cobertura jornalística. Por outro lado, mesmo se os jornais oferecessem um maior aparato técnico e informativo sobre a complexibilidade do cenário internacional o leitor comum não gastaria seu tempo para compreendê-lo gerando desinteresse em relação a matéria.

A construção “defeituosa” sobre os eventos internacionais é um reflexo deste grande dilema entre alto custo para informação e a deficiência no interesse do leitor em assuntos que demanda maior reflexão. Segundo Jacques A. Wainberg (2006) as pessoas se aproveitam de atalhos mentais na tentativa de sistematizar os fatos, atalhos que não demandam a compressão dos fatos primários que desencadearam um evento. O que tornará este fato importante e verdadeiro para o leitor, não será a justificativa pautada em dados e contextos, mas sim na quantidade de repetições de matérias com a mesma temática. Ao falarmos de terrorismo promovido por pessoas de outros países, temos o fator geográfico que agrava a falta de compressão sobre o tema. Wainberg (2006) comenta que quanto mais distante se vive do terrorismo, menor compressão há sobre o fato. A ênfase nos atos violentos sem uma busca pelos motivos que levaram tais atos gera por consequência uma incompreensão que resultará no medo do desconhecido.

No caso da imprensa brasileira percebemos esse mesmo enfoque em assuntos relacionados aos países árabes. Há certa confusão até mesmo na definição de alguns termos, por exemplo, os termos "árabes", "Oriente Médio", "muçulmanos" e "fundamentalismo" são geralmente utilizados como correlatos. No entanto, sabemos que existe grande diferença entre estas palavras e seus significados. Uma pesquisa realizada por Basnyuoni Hamada⁷ com 118 jornalistas entrevistados, 40% os mesmos afirmaram que árabes e muçulmanos são a mesma coisa.⁸

⁷ HAMADA, Basnyuoni. *The Arab image in the minds of western image-makers*. In: *The Journal of International Communication*, V.4, nº1, Sydney, Macquarie University, 2001.

⁸ CASTRO, Isabelle Somma. *Orientalismo na imprensa brasileira: A apresentação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11/09/2001*.

O estudo realizado por Isabelle Somma (2007) revela o aumento de reportagens sobre o oriente médio em dois grandes jornais de São Paulo entre os anos de 2001 e 2002. Somma analisa 60 edições que contempla seis meses após os atentados de 11/9 (período entre 11/03/2002 e 09/04/2002) e 60 edições anterior ao 11/9 (período entre 11/03/2001 e 09/04/2001). O recorte realizado pretende comparar os termos e a ênfase no texto entre seis meses antes dos atentados e seis meses depois os atentados.

Conforme Somma, a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo dedicaram um grande número de matérias sobre o oriente médio. De um total de 293 matérias em 2001 para 874 matérias em 2002. Esse aumento não revela um melhor debate para a compreensão do oriente médio, pois se analisarmos a quantidade de matérias que demonstram como é a cultura local, foram apenas 32 matérias publicadas nos dois anos pelos dois jornais.

Por outro lado, o enfoque na violência da região é um tema que ganha um grande espaço na mídia impressa. No caso da Folha de S. Paulo o número das matérias aumentaram 48,17% entre 2001 e 2002. No Estado de S. Paulo o aumento foi de 30,09%.

As tabelas a seguir, foram extraídas do trabalho de Isabelle Soma que revela uma predileção por alguns temas específicos em ambos os jornais:

Tabela 3

Comparação dos resultados de 2001 e 2002 na FSP

Assunto	2001		2002		Diferença	
	Número de textos	% do total	Número de textos	% do total	No número de textos	Na participação no total (pp.)*
Palestina/Israel	43	34,4	292	71,04	+249	+36,64
Macedônia	25	20	0	0	-25	-20
Afeganistão	15	12	41	9,97	+26	-2,03
Iraque	7	5,6	23	5,59	+16	-0,1
Subtotal	90	72	356	86,61	+266	+14,61
Outros	35	28	55	13,38	+20	-14,62
TOTAL	125	100	411	100	+286	+69,58
Enfoque						
Violência	76	60,8	198	48,17	+122	-12,63
Cultura	8	6,4	8	1,94	=	-4,46
Origem						
Fontes Internacionais	98	78,4	236	57,42	+138	-20,98

* Em pontos percentuais

Comparação dos resultados de 2001 e 2002 em OESP

Assunto	2001		2002		Diferença	
	Número de textos	% do total	Número de textos	% do total	No número de textos	Na participação no total (pp.)*
Palestina/Israel	48	28,57	323	69,76	+275	+41,19
Macedônia	25	14,88	0	0	-25	-14,88
Afeganistão	12	7,14	54	11,66	+42	+4,52
Iraque	6	3,57	44	9,50	+38	+5,93
Subtotal	91	54,16	421	90,92	330	+36,76
Outros	77	45,83	42	9,07	-35	-36,76
TOTAL	168	100	463	100	+295	+63,71
Enfoque						
Violência	79	47,02	181	39,09	+102	-7,93
Cultura	7	4,16	9	1,94	+2	-2,22
Origem						
Fontes Internacionais	139	82,73	305	65,87	+166	-16,86

* Em pontos percentuais

Fonte: (CASTRO, 2007, p.33)

Além do enfoque na violência do oriente médio, há também uma predominância de assuntos relativos ao conflito entre Israel e Palestina. Mesmo com as operações militares focadas no Afeganistão em 2002 a ênfase jornalística permanecia nos assuntos Israel/Palestina. Um dos motivos pela predileção por estes temas é a violência, pois a mesma é uma forma de atrair a atenção do leitor conforme comenta Jacques Wainberg:

Como consequência desta inaptidão pelos brasileiros (suposição que emerge dos dados coletados na amostra) ao noticiário internacional está uma imagem do mundo precariamente construída e disponível à argumentação panfletária. Ainda, nestas condições precárias da habilidade de processamento, justificar-

se-ia (lamentavelmente) o *rationale* da violência política: a agressão dramática é instrumento útil para despertar a curiosidade não só das redações como das audiências em geral. A morte de civis inocentes, como é o caso do receituário terrorista, por exemplo, se justificaria na ponderação de que esta é a uma forma eficaz de vencer o desinteresse generalizado que as pessoas revelam por dramas alheios (predomina a curiosidade) (WAINBERG, 2006, p.14).

Evidentemente, este recorte na violência também é reflexo da centralização das notícias das agencias internacionais de notícias. Levando em conta que são poucas as agências⁹ e que, de acordo com o estudo realizado por Somma mais de 75% das matérias presentes nos jornais analisados foram produzidas por agencias internacionais o discurso será praticamente uniforme em alguns aspectos.

Um trabalho importante para o estudo da mídia presente em 9/11 foi a compilação de imagens realizada pela Doutora Denise Cristine Paeiro (2012):

⁹ Grande parcela das informações internacionais são transmitidas pelas agências internacionais *Reuters*, *AFP*, *EFE*.

Figura 1: Compilação de matérias relacionadas ao 11/9



Fonte: (PAEIRO, 2012, p.106)

Em destaque, percebemos que em boa parte dos jornais, estão as palavras “terror” e “ataque”. Palavras verbalizam a imagem e impactam o pensamento coletivo, consequentemente promovendo o medo. Os 14 jornais escolhidos por Paeiro optaram por fotos das torres em chamas. A ampla divulgação destas fotos moldou a imagem coletiva (representativa) do 11/9 no mundo ocidental. Paeiro comenta que ao analisar 114 capas dos principais jornais e revistas do mundo com matérias do 11/9, apenas oito capas não continham a imagem das torres. Por outro lado, para analisar a imagem dos

atentados na mídia oriental, foi escolhida a capa de um jornal libanês *Na-nahar*. Nele o enfoque está nas torres já destruídas e não há a presença de fogo nas imagens.

Figura 2: Capa do Jornal *Na-nahar*



Fonte: (PAEIRO, 2012, p.109)

Para comprovarmos a influência das agencias internacionais no noticiário brasileiro, selecionamos as capas dos jornais *The Washington Post* e *The New York Times* a os comparamos com os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Obtemos o seguinte resultado visual:

Figura 3: Comparação entre Jornais norte-americanos e jornais no Estado de São Paulo



Fonte: O autor

Percebemos as similaridades das capas entre O Estado de S. Paulo com o jornal *The Washington Post* e do jornal Folha de S. Paulo com o *The New York Times*. Certamente, o conteúdo dos mesmos foram semelhantes conforme podemos observar no estudo realizado por Somma (2007). O esforço pelo inédito e pela imagem mais chocante das agencias internacionais refletiu na mídia brasileira e em muitos outros países, uniformizando a opinião popular sobre os atentados e por muitas vezes, não promovendo um debate mais aprofundado pelo tema.

Considerações finais

Sem a compressão dos fatos, o terrorismo passa a ser visto como um ato sem lógica e motivações, tornando-se um algo totalmente desconhecido e imprevisto para boa parte da população, o que alimentará a cultura do medo:

O medo do desconhecido ajuda a alimentar a ideia de caos. O discurso do terrorismo reforça essa intenção, justificada segundo um olhar que é diferente do que foi atacado. O terrorismo provoca a sensação de impotência e instabilidade em todos os atingidos (PAEIRO, 2012, p.33).

Assim, foram lançadas as propostas de combate contra o terror, e iniciou a perseguição contra *Al Qaeda* e Osama bin Laden. Também uma aspiração antiga dos neoconservadores, encontrou espaço: derrubar o governo de Saddam Hussein:

Apesar de Saddam Hussein e seu regime não terem tido nenhuma ligação com os responsáveis pelos atentados em 11 de setembro (Osama bin Laden e o *Al Qaeda*), muito menos serem um governo de islâmica radical, a mudança de regime no Iraque era vista pelo governo de Bush como o primeiro passo para confrontar e derrotar o radicalismo islâmico na região (SIMABUKURO, 2009, p.187)

O fator religioso também retornou fortemente após os atentados. Constantemente, pregadores protestantes presentes na mídia norte-americana declaravam que os atentados foram, de certa forma, um aviso divino quanto aos erros dos políticos que secularizavam o país. O professor Pedro de Lima Vasconcellos em sua obra sobre fundamentalismos cita o discurso de Pat Robertson:

Pecamos contra o Deus todo-poderoso nos estratos mais altos do nosso governo, cuspinos-te na tua cara. A Suprema Corte te insultou uma e outra vez. Senhor, expulsaram tua Palavra das escolas. Proibiram que as crianças pudessem elevar uma prece antes de fazer um exame [...] Perdoe-nos! (VASCONCELLOS, 2008, p. 93)

Unindo o medo à religião, as campanhas militares de George Bush não encontram resistência popular no primeiro momento. Embora a mídia não tivesse intenção direta em promover a guerra ao terror, o cenário de insegurança criada por ela foi um terreno fértil para que o governo Bush promovesse o discurso de medo e salvação. Segundo a linha política neoconservadora presente no governo Bush, os Estados Unidos através da força bélica deveria exercer sua hegemonia e estabelecer a paz no sistema internacional. Tal discurso somente seria possível em um cenário de medo mediante a uma ameaça externa e, principalmente desconhecida pela população.

Referências

CASTRO, Isabelle Somma. **Orientalismo na imprensa brasileira: A apresentação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11/09/2001.** Dissertação apresentada ao departamento de Letras da Universidade de São Paulo FFLCH-USP. 2007.

CHAIA, Vera. **Política e cultura do medo.** In: Ciências Sociais na Atualidade. São Paulo: Educ, 2011. p.73-91.

COMUMBIA UNIVERSITY. **Covering bioterrorism.** Disponível em: http://ci.columbia.edu/ci/eseminars/1341/1341_sg3.html. Acesso em 17/04/2013.

FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A. **Cutting the fuse: The Explosion of Global Suicide Terrorism and How to Stop It.** 2010.

FIGUERUT, Ariel. **A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush.** São Paulo: Dissertação de Mestrado UNESP, 2008.

HAMADA, Basnyuoni. **The Arab image in the minds of western image-makers.** In: The Journal of internacional Communication, V.4, nº1, Sydney, Macquarie University, 2001.

HUNTINGTON, Samuel P. **Choque de civilizações.** São Paulo: Editora Objetiva, 1997.

JOURNAL OF MEDIA PSYCHOLOGY. **Emotional stress and coping in response to television news coverage of the 9/11 terrorist attacks.** Journal of Media Psychology, V 14, No. 1, Winter, 2009.

MENDEL, Toby. **Terrorist attacks of 11 september: Consequences for Freedom of Expression.** In: Media, Violence and Terrorism. UNESCO, 2003, p.43-51.

PAEIRO, Denise Cristina. **Mídia e terror: A construção da imagem do terrorismo no jornalismo.** Tese de Doutorado apresentado ao departamento de Semiótica na PUC-SP, 2012.

PAPE, Robert A. **dying to win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism.** [Versão ebook], 2005.

PAPE, Robert A. **The strategic logic of suicide terrorism,** 2003.

SHIMABUKURO, Alessandro. **O impacto do 11 de setembro sobre política, religião e sociedade nos Estados Unidos.** In: SILVA, Carlos Eduardo. Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p.161 – 162.

SOUTO, Fhoutine Marie Reis. **Depois da queda das torres: A cobertura Jornalística do 11 de Setembro nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.** Dissertação de

mestrado em Ciências Sociais apresentada ao programa de pós-graduação PUC-SP, 2007.

TERRORISM AND MEDIA. **Transnational terrorism.** *Security & Rules of Law. Deliverable 6, Workpackage 4.* 2008.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Fundamentalismos:** matrizes, presença e inquietações temas do ensino religioso. São Paulo: Paulinas, 2008.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror:** Comunicação e Violência Política. São Paulo: Paulus, 2005.

WAINBERG, Jaques A. **Noticiário internacional e a incompreensão do mundo.** Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa de Jornalismo do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2006.

WALZER, Michael. **Just and unjust wars.** New York: BasicBooks, 1977.

WEINGARTNER, Jayme. **A edificação constitucional do direito fundamental à liberdade religiosa:** Um feixe jurídico entre a inclusividade e o fundamentalismo. Porto Alegre: PUC/RS, 2006.

WRIGHT, Robert. **A real war on terrorism,** 2002.